

Ouvir o que o texto quer dizer

Timm não começa um livro estabelecendo todos os limites. Seu processo de escrita segue o que chama de lógica do ensaio como forma, a partir de Theodor Adorno. Por isso, procura não estabelecer antecipadamente todos os limites do trabalho. “Eu vou escrevendo, vou procurando ouvir o que o texto quer que eu faça com ele”, diz. Essa escuta costuma começar com uma ideia que permanece durante algum tempo até encontrar uma forma. “Para mim, o processo de construção do texto é um convite à vida. Eu convido o texto a aparecer e o texto, de algum modo, me autoriza nesse processo. De repente, a coisa encaixa”, aponta.

O processo não obedece a uma rotina. Quanto mais se força o texto, acredita, menos ele avança. “Não é alguma coisa que eu decida: hoje vou fazer de tal hora a tal hora. Isso não existe.” Timm diz que é noturno e, quando o trabalho o absorve, perde a medida das horas. “Às vezes, eu me esqueço da vida. Vou ver, são 4, 5 horas da manhã e eu estou lá fazendo as coisas”, diz.

A música também atravessa essa investigação. Timm cita Schopenhauer e Adorno entre os

filósofos que dedicaram atenção especial a essa linguagem. Para ele, esse domínio modifica a maneira como o filósofo escreve sobre o assunto e se aproxima de sua própria experiência de pensar a escrita a partir da composição. Ao reler os próprios livros, Timm reconhece as transformações em sua escrita. Por vezes, percebe nos trabalhos anteriores um estilo barroco, marcado por uma tentativa de transportar para a página a intensidade da fala. “Era como se estivesse performando. E, no texto, não precisa. Demorei a amadurecer o suficiente para lidar com isso”, comenta.

O ensaio tornou-se sua forma principal porque lhe permite reunir pensamento, elaboração artística e poética. Em Ética do escrever, livro que define como sua teoria pessoal da literatura, aproxima o ensaio da literatura em sentido estrito e pensa a escrita como um ato ético. Para ele, escrever não é apenas dominar uma forma: envolve responder àquilo que pede passagem para a linguagem sem transformar inteiramente a experiência em objeto controlado pelo autor.

Quando adolescente, Timm



Ricardo Timm de Souza: ‘eu convido o texto a aparecer e ele, de alguma forma, me autoriza’

escreveu um romance nos antigos livros de registros levados para casa pela mãe depois que perdiam a validade na Secretaria da Fazenda. Havia páginas riscadas de um lado e livres do outro, usadas pelos filhos para desenhar e escrever. O romance foi concluído e depois jogado

fora. Anos mais tarde, ele ainda publicou contos em coletâneas e revistas.

Sua incursão mais extensa na “literatura pura”, como chama, é Ocaso: contos de entreluz. O original recebeu menção honrosa no Concurso Nacional Sesc de Literatura de 2005. Uma

nova edição, lançada em 2022, ampliou o conjunto. Timm gosta da concentração exigida pelo gênero e cita Horacio Quiroga, Julio Cortázar e Charles Kiefer entre suas referências. No conto, acredita, não há muito espaço para justificativas: “Ou tu acertas ou não acertas”.

O que ainda precisa ser dito

Depois de mais de três décadas de trabalho, Ricardo Timm de Souza vê a sua futura obra sobre estética da alteridade como a coroação de seu percurso especulativo. Não significa necessariamente abandonar a escrita, mas reconhecer que um autor corre o risco de se repetir. “A gente não tem dez boas ideias. Tem uma, duas, talvez três, e escreve sobre elas em muitos lugares.”

Aos 64 anos, ele resume a relação entre projetos e o tempo disponível recorrendo a uma expressão latina: ‘Ars longa, vita brevis’. Ideias não faltam, mas há uma distância considerável entre concebê-las e transformá-las em livros. No caso da estética da alteridade, entretanto, o percurso já começou há muito tempo. “Tudo o que eu fiz até agora foi uma preparação para isso”. A obra retoma a pergunta que o acompanha desde o encontro com Levinas. Se a alteridade costuma ser pensada entre pessoas, Timm quer levá-la para a estética.

Esse projeto deverá reunir e levar adiante algumas das questões centrais de sua trajetória. Mas Timm indica outra porta de entrada para sua produção: Sobre a construção do sentido, introdução à filosofia que se tornou seu pequeno best-seller e chegou a

ser utilizada no Ensino Médio e em vestibulares.

A reflexão filosófica também se mistura à vida fora da universidade. Para a capa de Tangências do indizível, livro em sua homenagem, Timm escolheu uma fotografia feita por ele em São Francisco de Paula. A imagem mostra uma árvore que conhece desde que consegue se lembrar. “É o meu lugar favorito”, diz. Lá, ele procura passar pelo menos uma semana por ano e escreveu alguns dos contos de Ocaso. “É o meu refrigerio da alma.”

Outro interesse seu é o aquarismo. Mantém um aquário de 400 litros e, movido pela curiosidade, estuda peixes e microbiologia. Grande parte do fundo é ocupada por plantas, formando regiões que não podem ser inteiramente observadas. “De repente, aparece um filhote de peixe que eu pensava estar morto. Não sei quanto tempo ele estava escondido no fundo (do aquário)”.

Entre os livros que ainda deseja escrever e as formas de vida que resistem à observação, Timm reconhece que permanece cercado pelo inesperado, inclusive quando volta o olhar para si mesmo. “Às vezes, parece que eu me conheço menos do que já me conhecia.”

Alguns livros de Ricardo Timm de Souza

► **Totalidade & desagregação: sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas** — Edipucrs, 1996.

► **Existência em decisão: uma introdução ao pensamento de Franz Rosenzweig** — Editora Perspectiva, 1999.

► **Sobre a construção do sentido: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia** — Editora Perspectiva, 2003

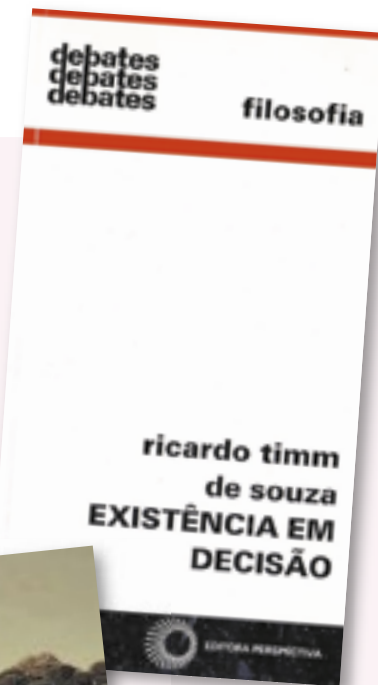
► **Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência** — Editora Zouk, 2018

► **Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência** — Editora Zouk, 2020.

► **Ocaso: contos de entreluz** — primeira edição pela AGE, em 2009; segunda edição, ampliada, pela Editora Zouk, em 2022.

► **O pensamento e o outro, o Outro do pensamento: a questão da alteridade em configurações contemporâneas** — Editora Zouk, 2022.

► **Filosofia da escravidão** — Editora Zouk, 2024.



* **Rafael Gloria** é jornalista, mestre em comunicação (Ufrgs), mestrando em Escrita Criativa (Pucrs) e diretor-executivo da Associação Cultural Nonada Jornalismo